

A romantic couple is shown in a close embrace. The woman, with long brown hair and a bright smile, is looking towards the camera. The man, with a beard and short dark hair, is leaning in and kissing her forehead. They are both dressed in formal attire; the man in a dark suit and white shirt, and the woman in a red dress. The background is a soft, out-of-focus bokeh of warm, golden light circles. The overall mood is intimate and affectionate.

MEU MELHOR
Engano

LÉIA FERNANDES



MEU MELHOR
Engano

LÉIA FERNANDES

Copyright © Léia Fernandes

Edição Digital: **Criativa TI**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Catarina](#)

[Capítulo 2](#)

[Alexandre](#)

[Capítulo 3](#)

[Catarina](#)

[Capítulo 4](#)

[Alexandre](#)

[Epílogo](#)

[Catarina](#)

[Fim](#)

[Sobre autor](#)

Outras obras



Sinopse

Uma carta endereçada a outra pessoa mudou totalmente a vida de Catarina. Recomeçando longe da família e amigos, ela se viu ligada as cartas que recebia por engano até que resolveu escrever de volta ao remetente e lhe informar que ele estava enviando para o endereço errado.

Foi quando tudo mudou completamente.

Ele apenas assinava como “romântico-anônimo” e Catarina cada dia estava apegada ao estranho, pois o que ele escrevia nas cartas era tudo o que ela queria e precisava ouvir. Certo dia, alguém bate à porta e para sua surpresa, era ele quem chegara ali.

Mesmo receosa em tê-lo em sua casa, escolheu perder o medo e o mandou entrar. Quando assim o fez, Catarina não imaginava que aquele estranho se tornaria o amor de sua vida e que o romântico anônimo a faria a mulher mais feliz do mundo.

Foi através de uma carta enviada para o destinatário errado que o melhor engano aconteceu na vida dela.



Capítulo 1

Catarina

Após uma longa noite cuidando de uma senhora idosa, chego em casa e encontro uma carta em minha porta. Estranho, fugi sem deixar rastros, nem amigos eu tinha. Resolvo abrir assim mesmo, afinal, está em minha porta mesmo, né?

“Jocelyn,

Já não dá mais para falar apenas pelo chat, só ver seus olhos, já não me basta. Você sabe o quanto me encantou desde o primeiro momento em que trocamos as primeiras palavras. Seus olhos me encantaram desde o momento em que me deparei com sua foto no perfil, meu corpo se acendeu e brasas incendiaram minha pele, estou contando os dias para nos encontrarmos pessoalmente e assim, poder cumprir cada promessa que fizemos um ao outro. Chegou a hora de te conhecer.

Romântico-anônimo

A.”

Nossa! Eu não sei quem é essa Jocelyn, mas aqui está um homem verdadeiramente apaixonado. Que mulher de sorte.

Essa carta só me faz refletir que ainda existem homens românticos no mundo.

Ah, quem me dera se tivesse tido apenas uma pontinha do que li nessa carta, seria a mulher mais feliz desse mundão.

Cabisbaixa, resolvo jogar a carta no lixo, nitidamente, ela não pertence a mim, fui enxada ao abrir, mas estava em minha porta, então não vou me culpar. Se for de alguma vizinha, agora já é tarde.

Entro em minha minúscula *quitinete*, foi o que consegui alugar com o dinheiro que tinha guardado após o divórcio. Fui casada por três anos, mas foram os piores da minha vida. Achava que Denis era o meu grande amor, mas não demorou para ele mostrar sua verdadeira face.

Queria mandar em mim, em minhas roupas e até o que eu deveria comer ou não, pois como sempre dizia, não queria uma mulher *gorda* ao seu lado. O estopim foi quando resolvi que era a hora de aumentara família, ele me humilhou e disse que eu não seria uma boa mãe, já que não era uma boa esposa.

Fiquei magoada e ferida, então tomei uma atitude e não podia voltar atrás, eu pedi o divórcio. Enlouquecido, começou a me difamar perante os amigos dele, pois até isso ele me tirou. Minhas amigas se afastaram e nunca mais tive notícias. Com muito custo e muita perseguição, finalmente entendeu que eu não voltaria para ele, assinou o divórcio e dividimos tudo. Sem o apoio de ninguém, resolvi que era hora de me mudar e refazer minha vida. Lugar novo, novas histórias e memórias.

E aqui estou eu, vivendo em outro estado, sem amigos, mas feliz a minha maneira e com a dignidade intacta. Morar naquela cidade estava insustentável, não dava para sair às ruas e ver os olhares de acusação das pessoas, os cochichos e os apontamentos de dedos. Não precisava provar a ninguém que não sou aquela mulher que Denis desenhou, mas confesso que não aguentei e resolvi fugir para encontrar minha paz.

Sou de uma cidadezinha de Minas Gerais, e mudei há exato um mês para o Paraná.

Fui ludibriada com a proposta de um emprego, mas quando cheguei, percebi que não era nada do que imaginava. Eu não vim de tão longe para me prostituir, nada contra quem o faz, mas não é meu feitio.

Com o pouco dinheiro que eu tinha, aluguei meu cantinho e me mudei com meus poucos pertencer trazidos na mala.

Mas não desanimei, corri atrás de um emprego e em duas semanas já estava trabalhando, cuidando dessa senhora. Mesmo sem referências, fui contratada.

Preparei um café e tomei um banho para relaxar, mas não conseguia me esquecer da carta que estava ali no lixo, bem ao meu lado. Cada trecho eu repassava em minha mente, iludida como se fosse escrito exatamente para mim.

Resolvi pegá-la novamente e ao reler, tive a brilhante ideia de responder ao remetente.

“Caro Romântico-anônimo A.,

Tenho certeza de que você errou o endereço, não sou a pessoa a quem enviou a carta, achei muito bonita sua atitude, mas não me chamo Jocelyn, não entrei em nenhum site de relacionamentos e também não tenho interesse em me envolver com alguém neste momento. Peço, por gentileza, que confira o endereço verdadeiro da moça.

Desejo que a encontre muito em breve.

Atenciosamente,

Catarina Castro.”

Copio o endereço que está no envelope e decido postar no correio assim que for trabalhar essa tarde.

Durmo um pouco e tenho sonhos inquietos com um estranho, mas não vejo seu rosto. Deve ser efeito da carta.



Um mês depois, ao chegar em casa pela manhã, após mais uma noite de trabalho, me deparo com mais uma carta do Romântico-anônimo. Essas cartas se tornaram recorrentes desde aquele dia, e pelo menos duas vezes por semana, recebo e envio uma.

Passou a ser uma rotina em minha vida. Apesar de não o conhecer, fico feliz em receber essas cartas, elas me dão um ânimo que eu nem sabia que precisava. Esses são um dos únicos momentos de interação com uma pessoa de verdade, mesmo que não diretamente, mas são momentos preciosos que fazem do meu dia algo muito melhor. Só converso mesmo com a senhora que cuido, mas ela dorme muito cedo, então só falamos o básico.

Sorrindo, entro em meu cantinho, agora com mais itens de decoração que antes e abro a carta.

“Querida Cat,

Já não suporto mais me comunicar apenas por cartas, quero te conhecer de verdade. Apesar de sentir bem lá no fundo de minha alma que já nos conhecemos, aquela primeira carta foi meu melhor engano. Quero poder dar um abraço bem apertado na mulher que faz com que minhas semanas tenham um significado melhor, apenas por saber que lê minhas cartas. Talvez, para você, não tenha tanto sentido quanto para mim, mas prometo fazer com que compreenda tudo o que escrevo nesses pequenos trechos. Vai valer a pena.

Ainda sou,

Romântico-anônimo

A.”

— Eu acho que esse cara é louco, só pode — converso sozinha, ainda sorrindo. — E se ele for um psicopata? E se apenas me quer para suprir suas loucuras? Será que ando correndo risco? Meu Deus, onde foi que me meti?

Enquanto era uma brincadeira de troca de cartas, estava tudo certo, mas agora, trazer isso para a realidade, seria muito arriscado. O pior é que ele tem meu endereço, pode me encontrar sem muito esforço.

Decido responder, com muito medo e receio dele, ao receber minha negativa.

“Caro Romântico-anônimo, A.

Não me leve a mal, mas acho muito arriscado nos conhecermos pessoalmente, uma vez que você sabe praticamente tudo sobre mim, já eu, não sei nem o seu nome. Tenho medo de não sermos um para o outro o que imaginamos e frustrarmos a nossa interação. Não fique chateado, mas acho que estamos bem dessa forma, assim não perdemos quem somos um para o outro. É melhor continuarmos assim com essa amizade, sem nos expor. Não vou criar expectativas do que pode nem vir a acontecer, então para não ficar ansiosa por nada, acho melhor assim.

Atenciosamente,

Catarina Castro.”

Espero que tudo dê certo e que nada venha me prejudicar. Dobro a carta e a coloco em cima de minha bolsa. Hoje o frio está medonho, tomo um banho quente e me deito, estou muito cansada, nem fome sinto, o sono me vence.

Acordo com batidas na porta, olho no relógio e já passam do meio dia. Será que Denis já me descobriu? É a primeira coisa que me vem a mente.

Queira Deus que não.

Ainda descabelada, sigo até a porta, mas não a abro.

— Quem é? — pergunto sonolenta.

— Alexandre Mendes. — Franzo a testa.

— Não conheço ninguém com esse nome.

— E romântico-anônimo, você conhece? — o homem do outro lado da porta responde.

— Oh meu Deus! — Surpreendida, exclamo, mas não consigo me mover e tomar uma atitude.

— Ei, pode abrir a porta, por favor? — com uma voz macia e suave, pergunta. — O frio está congelante aqui fora, estou virando picolé. — Abro apenas até o limite da corrente de segurança para ver seu rosto.

— Aqui dentro não está muito diferente — respondo, olhando-o pela fresta. — Mas porque não esperou por minha resposta? Só hoje recebi sua carta. — Ainda assustada, não abro a porta.

— Cat, se você não abrir a porta, vou morrer congelado aqui em sua porta, não pretendo ir embora tão cedo — sua voz não sai em tom de ameaça e sim de súplica. Compadeço de seu pedido e resolvo abrir a porta, mesmo sabendo dos riscos.

— Fique sabendo que não gostei nada de sua aparição repentina, senhor romântico-anônimo. — Coloco as mãos em volta do corpo, protegendo-me, ainda receosa por ter aberto a porta para um homem completamente estranho.

— Eu sei que fui apressado e não esperei por sua resposta, mas já estava enlouquecendo só de imaginar como seria seu rosto, seus olhos e sua boca.

Apesar de estar frio, ao escutar sua explicação, um calor sobe por meu corpo e me aquece por inteira.

— Posso entrar? — Balanço a cabeça afirmativamente. Ele, então, me abraça e sinto uma paz tão grande, como se estivesse esperando por esse aconchego a vida inteira.

— Feche a porta, não queremos congelar mais, não é mesmo?— minha voz sai enrouquecida e fico envergonhada. — Meu Deus! Estou descabelada e acabei de acordar. — Tento fugir de seu abraço, mas ele sorri e aperta-me mais em seus braços.

— Está linda. — Afasta-se um pouco segurando minhas mãos. — Mais linda do que imaginei em minhas mil e umas vezes em que tentei prever como você seria.

— Para de mentir, vou dar um jeito nisso. — Aponto para a cabeça. — Já volto.

Consigo soltar de suas mãos e corro para o minúsculo banheiro do quarto.

— Então, quer dizer que você sofre de ansiedade? — Volto já mais composta, ele me olha e sorri. — Desculpe, mas não me contive e li a carta de hoje, está em cima de sua bolsa. — Coça a cabeça, nitidamente envergonhado. — Invadi sua privacidade, eu sei, mas, como estava endereçada a mim, então não fui de tudo tão mal-educado.

— Era para você mesmo. — Dou de ombros, o curioso já leu, não é mesmo? — Vou fazer um chocolate quente para nós. Só um instante. — Sigo até meu fogão e aqueço o chocolate em banho Maria, uma vez que não possuo um micro-ondas.

— Cat, eu não sou um psicopata, sei que pode imaginar mil coisas

de mim, mas jamais farei mal a você. Não costumo sofrer de ansiedade, mas nos últimos dias, ao pensar em você, me tornei sim uma pessoa ansiosa. Não tenha medo de mim, você não será forçada a nada. E se quiser, saio por essa porta agora mesmo, basta me pedir. — Escuto calada, ainda de costas para ele e sinto uma pontada de remorso por ter sido um pouco hostil com ele.

— Não há necessidade, romântico-anônimo. — Olho em sua direção e sorrio. — Não sei por que, mas sua presença me traz segurança e uma paz já não sentida há muito tempo. — Declaro olhando em seus olhos.

— Me chame de Alexandre, por favor? — Chega mais perto e aquele calor desconhecido, volta a me aquecer.

— Tu-tudo bem, Ale-alexandre — gaguejo com sua proximidade. — Preciso terminar nosso chocolate quente antes que queime. — Aponto para o fogão.

Afasta-se um pouco, mas ainda sinto o calor que emana do seu corpo.

— Assim está muito melhor, Cat — sua voz sussurrada ainda vai me levar à loucura.

Estendo-lhe uma caneca e como não tenho sofá, o convido a se sentar em minha cama mesmo.

— Como você consegue morar nesse cubículo? — Ainda tomando seu chocolate quente, observa meu minúsculo espaço.

Em nossa troca de cartas, nunca confidenciei que já havia me casado e como foi o fim de meu casamento, nem o porquê de ter me mudado para Londrina.

— A gente se acostuma — respondi e desviei meu olhar. Alexandre me olhou atentamente e mudou de assunto ao depositar sua caneca em uma

mesinha próxima.

— Eu quero fazer algo, mas não sei se você vai aceitar tão bem — fala olhando dos meus olhos para minha boca.

— E o que seria? — Engulo em seco, imaginando o que possa ser.

— Isso. — Ataca minha boca com um beijo feroz e de arrancar o fôlego, quase deixo minha caneca cair na cama. Afasta-se, segura meu rosto e me encara intenso. — Diga que estamos na mesma sintonia, por favor? Diga que não sou o único aqui exalando desejo. Diga-me ou me peça para parar, porque se eu começar a fazer o que tenho em mente, não serei capaz de parar, a não ser que você peça.

— Eu sei que é loucura, mas também quero tudo de você — respondo sem pensar, agora não é hora para arrependimentos, era hora para ser feliz, para se jogar e arriscar.

Ele tira a caneca de minhas mãos e avança em mim como um predador, mas não me assusto, apesar da pressa em tirar nossas roupas. Alexandre é delicado ao extremo, preocupado em me passar segurança e confiança.

Deita-se sobre meu corpo, beijando-o, fazendo me sentir coisas jamais sentidas antes, apenas com beijos e suas mãos.

— Se eu estiver muito apressado, Cat, me freia. Apesar de não querer parar, é seu corpo, e os limites são seus.

Meus olhos se enchem de lágrimas, não que eu esteja comparando, mas como não fazer exatamente isso quando passei anos estando casada e não tendo sequer o direito de sentir prazer?

— Cat, o que foi que eu disse? — Assustado, afasta-se um pouco, mas puxo-o para os meus braços e choro mais. — Estou assustado, querida,

não sei o que fiz de errado e preciso saber.

Ainda entre soluços, respondo-o:

— Não é você Alê, me desculpe, mas nunca fui tratada com essa delicadeza.

— Oh minha princesa — afasta-se um pouco e beija minhas lágrimas —, comigo você terá tudo o que merece e um pouco mais. Não chore por um trouxa que não soube valorizar a bela mulher que tinha ao lado, agora serei o felizardo a provar a você o quanto és linda e o tamanho do meu privilégio em poder ter-te em minha vida, adorar-te e venerar seu corpo inteiro — pronuncia tudo isso olhando diretamente em meus olhos.

A tarde fria de inverno estava se aquecendo aos poucos juntamente com meu coração, que estava congelado e desacreditado do amor e da felicidade.

Alexandre não mediu esforços para me mostrar em gestos e atitudes um pouco do que prometera.

Verdadeiramente, venerou meu corpo com as mãos e boca.

Começou beijando minha orelha, fui gemendo baixinho, desceu por meu pescoço e jamais imaginei que pudesse sentir tantas sensações maravilhosas.

Beijou meus seios, alternando entre um e outro, beijou todo meu abdome, quando subiu por minhas pernas quase chegando em meu sexo, quase entrei em curto circuito.

— Por favor, Alê — sussurrei entre gemidos.

— Por favor, o quê, minha deusa? — Sorrindo, ele falou.

— Quero sentir você em mim — sem pudores, respondo. Estamos em tamanha sintonia, que parece que nossos corpos se conhecem há anos.

— Ah, minha feiticeira, ainda não fiz metade do que tenho em mente para satisfazer você.

— Por favor, preciso de você agora — suplico perante suas torturas prazerosas.

— Não senhora! Não farei nada pela metade. Quero algo completo, por inteiro, você não merece nada menos do que isso.

— Então, cale-me com seus beijos arrebatadores.

— Isso será um prazer.

Alê sobe rastejando por meu corpo, fazendo-me sentir sua ereção protuberante, gemo enlouquecida. Toma minha boca, agora o beijo é lento e profundo. Pela primeira vez na vida, sinto-me amada e desejada de verdade.

Enquanto me beija, suas mãos passeiam por todo o meu corpo e quando toca entre minhas pernas, uma avalanche de emoções recai sobre mim. Sinto algo tão forte, que chego a pensar que estou morrendo.

— Inacreditável! — Desfaz o beijo. — Não acredito que teve um orgasmo assim tão rápido em minhas mãos — fala, cheio de orgulho. — Agora, quero sentir seu sabor em minha boca, estou salivando em antecipação.

Assusto-me quando Alexandre repousa os lábios em minha carne sensível e tento fechar as pernas, mas sou impedida por suas fortes mãos.

— Será a primeira vez também?

— Não sou virgem, se é o que pensa. — Sem entender sua pergunta, respondo o óbvio.

— Sei que não, minha deusa. — Sorri descontraído e franzo a testa. — Não estou rindo de você, só me custa a acreditar que um homem seja tão tolo ao ponto de não conseguir dar prazer a uma mulher.

— Mas eu sentia prazer. — Tento justificar.

— Não, minha deusa, prazer é o que vai sentir a partir de hoje, o passado será apenas um borrão para você. Não que eu esteja sendo presunçoso, mas eu serei inesquecível para você.

Aceito suas investidas e não me arrependo quando ele toca seus lábios em minha boceta, vejo uma constelação de estrelas.

— Ai meu Deus! Isso é magnífico — grito, enlouquecida em seus braços. — Não estou aguentando, mais Alê, socorro, acho que morri e encontrei o paraíso.

Ele continua me lambendo, sugando e beijando minha boceta, sem piedade. O frio nem me incomoda mais, estamos suados e quentes.

Quando sinto um orgasmo avassalador, lágrimas de felicidade escorrem por meus olhos, Alexandre bebe todo o meu mel, por minutos, ou segundos, sei lá quanto tempo se passou, sinto como se minha alma saísse do corpo.

Ofegante, coloco a mão na testa respirando profundamente em busca de ar.

— O que foi isso?

— Isso é um orgasmo, minha feiticeira. — Olho-o meio atordoada e vejo-o lambendo os lábios como se tivesse comido a fruta mais doce que existe. — Deliciosa. Está muito cansada? — Se deita ao meu lado.

— Um pouco, por quê? — Questiono ainda sem acreditar que tive meu primeiro orgasmo avassalador, algo que minhas antigas colegas falavam tanto e eu, por não saber do que se tratava, achava que era invenção.

— Podemos continuar mais tarde, então. — Alexandre, todo cavalheiro, sugere que paremos por aqui.

— Não, Alê, quero que sinta tanto prazer quanto senti. — Abaixo os olhos. — Espero corresponder suas expectativas — envergonhada, falo.

— E acha que não senti prazer? Mas é claro que senti, te proporcionar mais um orgasmo foi tão prazeroso quanto o meu próprio.

— Então, não pare, por favor? Ainda não quero me afastar de você, acho que estou viciada.

— E ouvir isso quase me fez gozar aqui mesmo. — Puxa suas roupas e de lá tira um pacote de preservativo. Coloca um em seu pênis, e admirada, observo-o.

— Isso não vai entrar em mim. — Abismada com seu tamanho e espessura, assusto-me.

Gargalha alto constrangendo-me um pouco.

— Prometo ser carinhoso e delicado, minha feiticeira, pode ficar tranquila. — Confio nele.

Coloca-me de lado e vai me penetrando aos poucos. Com uma mão toca meu clitóris aumentando meu prazer.

Olho-o e sua feição é maravilhosa, nunca imaginei proporcionar tanto prazer a um homem.

Alexandre não mentiu quando disse que seria carinhoso, enquanto me penetrava e tocava-me intimamente, beijava meu pescoço e sussurrava palavras carinhosas em meu ouvido, até que juntos, chegamos ao ápice do prazer.

O cansaço nos consumiu e dormimos um nos braços do outro.





Capítulo 2

Alexandre

Conheci *Jocelyn* através de um site de relacionamentos, na verdade, eu buscava apenas curtição, o que viesse seria lucro.

Ela me passou seu suposto endereço para trocarmos cartas. Já havia visto algumas fotos que ela me enviara pelo aplicativo, mas nenhuma mostrava todo o rosto.

Mas após passar o endereço, ela desapareceu do aplicativo. Enviei uma carta, na verdade, quase um bilhete cheio de promessas, mas a resposta que tive, não foi a que eu gostaria. Ela havia me enganado.

Hoje eu sei que devo agradecê-la, graças a ela, estou deitado com uma mulher maravilhosa em meus braços. Sei que ainda é cedo, mas sinto uma conexão fora do comum com ela e sei que o que temos para viver juntos está apenas no começo.

Meu estomago ronca, só agora me dou conta que não almocei e depois da nossa quente e suada tarde, preciso repor minhas energias.

Catarina foi uma descoberta maravilhosa e não vou me cansar de agradecer por tê-la encontrado.

Como não sei onde está nada, apesar de ser um cubículo minúsculo, decido por pedir comida ao invés de fazer. Quando chegar irei acordá-la, pois tenho quase certeza de que ela também não comeu nada hoje.

Peço comida chinesa, vai demorar cerca de quarenta minutos para entregarem, então, vou ficar aqui mesmo, debaixo dessas cobertas, aconchegando e ninando a Cat.

Acabo por dormir, tamanha é a paz que sinto ao lado dela e acordo

com as batidas na porta. Levanto-me rápido para não a acordar, mas é tarde.

— Quem será? — pergunta sonolenta. Beijo seu rosto e me levanto.

— Pedi comida para nós.

— Estou mesmo faminta. — Olha-me e morde os lábios.

— Acho que criei um monstro. — Sorrio e vou atender a porta antes que vão embora com nossa comida.

Visto apenas a calça e coloco o casaco por cima, o frio está mesmo de castigar. Recebo nossa alimentação e entro rapidamente, não quero correr o risco de adoecer.

— Onde ficam os talheres e pratos? — pergunto com as caixas nas mãos.

— Primeira porta à sua esquerda. Vou te ajudar.

— Nada disso, será que posso levar comida para minha deusa, na cama?

— Assim eu fico mal acostumada. — Sorri acanhada.

— Essa é a intenção, minha feiticeira.

— Sou deusa ou feiticeira?

— Ambas, me enfeitiçou com esse lindo olhar. — Coloco as caixas na mesinha e beijo-a. — Vamos comer, porque você sugou todas as minhas energias.

— Eu? Não fui eu quem me sugou com os lábios. — Gargalha.

— Não a vi reclamar. — Pisco um olho e afasto-me para pegar nossa comida.

— E nem verás, adorei tudo o que me fez sentir.

— E adorei saber que gostou. — Estendo-lhe um prato. — Não sabia

do que gostava, optei por comida chinesa. Espero ter acertado.

— Está ótimo para mim.

Famintos, comemos. Quando terminamos, Catariana tenta a todo custo lavar nossos pratos, mas não deixo.

— Pode ficar aí debaixo das cobertas, faço questão de lavar. — Não muito satisfeita, concorda.

— Então, vou tomar um banho enquanto isso.

— Minha vontade era de ir junto, mas está muito frio para isso, deixa para a próxima.

Ela sai do banho, cheirosa e a vontade é de atacá-la ali mesmo, mas resolvo tomar um banho também. Quando saio do banheiro, Catarina está terminando de secar os cabelos ao vento de um secador.

— O que foi? — Olha-me um pouco assustada.

— Não tenha medo de mim, meu bem. — Aproximo-me dela. — Já disse e repito, jamais lhe faria mal. Não sou um moleque, tenho uma mãe que soube educar muito bem todos os seus filhos. — Coloco uma mão em seu queixo. — Não sei o que fizeram com você, mas vou lutar dia após dia para merecer ter você ao meu lado, viver sem você não é mais uma opção.

— Desculpe. — Abraça-me. — Não é intencional, mas as vezes bate um medo de estarmos indo rápido demais, ou que isso seja ilusão da minha cabeça.

— Então, pode apalpar sua ilusão. — Pego suas mãos e passo por meu peito nu.

— É, realmente não tem nada de invenção da mente aqui. — Sorri enquanto desliza seus dedos no meu corpo.

— Um pouco mais embaixo também necessita do seu toque. —
Fecho os olhos e falo enrouquecido.

— Ah, seu pervertido. — Sorri.— Está querendo abusar de mim?

— Ah, você descobriu meu segredo. — Pego-a desprevenida e a beijo, imprensando-a na parede gelada, passo suas pernas por meu quadril e encosto meu pênis em sua pelve.

— O que você faz comigo,Alê? Estou me tornando uma ninfomaníaca. Acabamos de fazer amor agora a pouco e já te quero de novo.

— Saiba que o que sente é recíproco, olha só como estou. —
Encosto-me mais a ela e juntos, gememos entre os beijos molhados.

— Hoje vou trabalhar cansada, mas muito feliz. — Confidencia.

— Você trabalha toda noite?

— Sim, cuido de uma senhora idosa. Na verdade, faço-lhe companhia, eu posso dormir, mas tenho medo dela precisar de mim e eu não acordar.

— Você deve ficar extremamente cansada durante o dia.

— Por incrível que pareça, hoje me sinto revigorada.

— Precisamos nos conhecer melhor, que tal nos deitarmos e falarmos um pouco sobre nós?

— Acho justo. — Carrego-a até a cama e nos cobrimos. De frente um para o outro, começo falando sobre mim.

— Sou o caçula de três irmãos, meus pais têm uma empresa de laticínios onde eu trabalho atualmente. Pensa que mamãe nos dá moleza? Não mesmo. Se eu quero algo, preciso fazer por merecer. Então, desde muito cedo, trabalho ao lado deles.

— E o que você faz na empresa? — pergunta curiosa.

— Faço parte da equipe de marketing, sou formado em publicidade e propaganda.

— Uau, deve ser o máximo trabalhar com o que gosta.

— É mesmo. Meus irmãos também trabalham na empresa, isso deixou nossos pais muito orgulhosos.

— Já esteve casado alguma vez? — pergunta com receio.

— Pode me perguntar qualquer coisa, sem medo. Agora, respondendo a sua pergunta, nunca me casei, tive algumas namoradas, mas nada que me levasse ao altar. E você?

— Eu fui casada por três anos. — Divaga ao falar. — E saí de minha cidade por causa dele.

— Ele te agredia? — Enfureço-me.

— Não fisicamente, mas agressões verbais ferem tanto ou mais que as físicas.

— Então, o que ele fez que a obrigou a mudar-se? E seus pais?

— Resumindo minha vida familiar, fui abandonada por minha mãe e minha avó materna foi quem me criou. Nunca conheci meu pai e ainda bem que vovó faleceu antes de presenciar a vergonha que passei. Meu ex pintou minha caveira e não suportei ver todos os olhares de acusação.

— Você é tão jovem, como suporta tudo isso?

— Na verdade, minha cara engana muita gente, tenho vinte e seis anos.

— Fico aliviado, se eu estivesse com uma menor, mamãe jamais me perdoaria e puxaria minhas orelhas. — Ela rir alto e se aconchega mais a

mim.

— Você tem quantos anos?

— Vinte e nove de pura gostosura. — Faço graça.

— Apesar de convencido, você tem razão, é pura gostosura.

— Agora, me conte um pouco mais de como o idiota te perdeu.

— Está bem. Mesmo que lembrar tudo seja dolorido, preciso desabafar. Conheci o Denis aos vinte e um anos, a essa altura, vovó estava bem debilitada já. Ele se mostrou um grande amigo, aos poucos nos envolvemos, já se mostrava um homem das cavernas no namoro, mas eu achava que era ciúmes de namorado e que logo passaria. Ele nunca me agrediu fisicamente, mas as palavras doíam bem mais do que um tapa na cara. — Enquanto ela relatava, eu me continha para não falar uns palavrões e sentia mais ódio desse tal ex-marido dela. — Quando vovó estava por perto, ele se mostrava um verdadeiro lorde, ela o adorava, mas a sós, era ciúmes e proibições. Eu ainda acreditava que ia ganhar a confiança dele e que dias melhores viriam. Casamo-nos no ano seguinte, foi uma cerimônia simples no civil, Denis não queria gastar para se amostrar para os moradores da cidade, tudo bem, concordei. Continuamos morando na casa de minha vó e alguns meses após o casamento, vovó infelizmente faleceu — com uma voz embargada, fala.

— Se for muito para você, pode parar. — Afago seus cabelos e beijo seus olhos.

— Não, agora que comecei, preciso ir até o fim. Vai ser bom colocar tudo que está engasgado para fora.

— Certo, mas se não se sentir bem, pode parar quando quiser, você não é obrigada a nada.

— Agora eu sei disso. Mas continuando, vovó nem bem foi enterrada, ele já retirou seus pertences de casa, isso me feriu profundamente, e mais uma vez, me calei. Denis, então, colocou a casa em que vivi com vovó a venda, tentei argumentar, mas ele dizia que tínhamos muitas dívidas, acabei por concordar, mesmo sabendo que íamos morar de aluguel. Eu era obrigada a usar as roupas que ele comprava, não podia usar os cabelos soltos, nem cortá-los, não tinha vontade própria e isso foi me sufocando. As poucas vezes em que saía com minhas amigas, me sentia um lixo ao vê-las tão arrumadas enquanto eu me parecia mais com uma velha, e não uma jovem vendendo saúde eu via nos olhares delas o quanto sentiam pena de mim. Aos poucos elas se afastaram. Quando fizemos três anos de casados, resolvi que não aguentava mais e pedi o divórcio, foi aí que meu inferno começou. Ele não aceitava e começou a me difamar diante dos amigos, dava em cima de minhas falsas amigas que aceitavam ficar com ele mesmo sabendo o quanto isso iria me ferir, dizia para todos que eu era fria, que não lhe dava prazer. Por onde eu passava, via os olhares de piedade, os cochichos e as risadas maldosas das pessoas. — Deixei-a relatar tudo sem interrompê-la. — Por fim, ele resolveu me dar o divórcio, acho que se cansou de mim, mas como eu iria sobreviver? Então, fiz a última coisa que gostaria de ter feito. Denis nunca soube que eu guardava um conjunto de joias, meu tesouro precioso, herdado de minha avó, usei pouquíssimas vezes. Após o divórcio, pude pegar apenas algumas roupas que ele mesmo separou, as coloquei na mala e saí de sua vida para sempre. Dividimos os móveis, os vendi junto com as joias, e resolvi mudar-me de estado, refazer minha vida do zero. Li um anúncio de emprego aqui em Londrina, me empolguei, mas quando cheguei, não era nada do que imaginava. Decidi alugar essa quitinete e em duas semanas consegui o emprego na casa da senhora Magnólia. Estou aqui há dois meses e meio. Esse é o resumo de minha história.

— Posso ir matar esse tal Denis agora, ou ainda é muito cedo? — vocifero.

— Você não precisa matar ninguém, acho que se eu não tivesse passado por tudo isso, não teríamos nos encontrado.

— Não podemos deixar de agradecer também a Jocelyn, foi ela quem inventou um endereço e por ironia do destino, era justamente o seu.

— Pois é, agora quero ficar aqui, aconchegada em seus braços até a hora de eu ir trabalhar, quero curtir esse momento.

— Você nunca folga?

— Folgo sim, uma noite por semana. A folga dessa semana será no sábado, por quê?

— Porque farei um jantar especial para você em meu apartamento, que nem é muito longe daqui.

— Quanta honra. — Sorri.

— A honra será minha. — Olhando em seus olhos declaro. — Posso parecer precipitado, Cat, mas que estou perdidamente apaixonado por você.

— Oh! — Assustada, olha-me atentamente.

— Não sei explicar, mas desde nossas trocas de cartas, já sentia o bater desenfreado do meu coração. Só peço que dê uma chance de provar meu amor por você.

— Eu não sei como, nem o porquê, mas eu confio em você. — Ousada, sobe em cima de mim e outra vez amamo-nos apaixonadamente.



Catarina fez um café delicioso e uns bolinhos para comermos antes de ela ir trabalhar.

— Tem certeza de que vai trabalhar? — Encosto meu membro em sua bunda enquanto ela lava as vasilhas.

— Para com isso, Alê. Eu preciso ir, não posso deixar dona Magnólia sozinha.

— Vem morar comigo? — Solto de supetão.

— Acho que é muito cedo.

— Estar apaixonado por você não te assusta, mas vir morar comigo, sim?

— Não é isso, é que devemos ir com calma, não me pressiona, por favor? — fala baixinho.

— Tudo bem, mas saiba que não gosto de vê-la com tão pouco espaço e em um local tão frio.

— Vou ter alguém para me aquecer agora — declara manhosa.

— Bem que eu gostaria, mas não posso fugir todos os dias do serviço, dona Andréia é bem capaz de cortar minhas bolas se eu sumir por mais um dia.

— Quem é Andréia? — pergunta fazendo careta.

— Ah, ciumentinha, ela é sua futura sogra, qualquer dia levo você para conhecê-la. — Beijo a pontinha do seu nariz.

— Deus me livre, mas quem me dera conhecer minha futura sogrinha. Se ela souber que sou a causadora de sua falta no trabalho, com certeza não vai ser uma boa impressão. Vai cortar minha jugular.

— Não se preocupe, no que depender de mim, ela jamais saberá

disso. — Sorrimos e em seguida, nos beijamos.

— Alê, preciso mesmo ir trabalhar, não posso me atrasar.

— Fazer o quê? Vou te levar. — Retiro as chaves do bolso. — Vamos?

— Vai me levar de carro? — Assusta-se.

— Sim, minha mulher vai de carro trabalhar, e amanhã um motorista estará inteiramente a sua disposição, já que não poderei buscá-la.

— Eu devo estar vivendo um sonho, é isso, não tem outra explicação. Ai, o que é isso? — Mordo seu ombro, mas não tão forte.

— Só queria ter certeza de que você era real. É, acho que não estamos vivendo um sonho, é real, minha deusa.

Deixo-a em seu serviço e trocamos nossos contatos. Uma pena ela ter um celular tão ultrapassado, um problema que vou resolver logo, se ela não se ofender.





Capítulo 3

Catarina

Ao sair da casa de dona Magnólia, me deparo com um carro preto e um motorista ao lado.

— Bom dia, senhorita Catarina, o senhor Alexandre me enviou para deixá-la em casa.

— Caramba, ele enviou mesmo o carro com motorista? — pergunto mais para mim do que para ele.

— Sim, me deu ordens de levá-la para onde quiser — responde com um sorriso de lado. — Podemos ir?

— Claro. — O motorista abre a porta e entro deslumbrada, nunca em toda minha vida fui tratada com tamanha atenção e carinho. — Vou ficar muito mal acostumada. — Quando ele entra, pergunto seu nome. — A propósito, qual é mesmo o nome do senhor?

— Mauro — responde cortês e não nos falamos mais.

O trajeto até em casa foi bem mais rápido do que faria de ônibus e ao chegar a minha porta, encontro um vaso com rosas vermelhas junto a um cartão.

*“Dormir sem você ao meu lado nunca mais será a mesma coisa.
Repense sobre meu pedido.*

*Romântico, declarado e todo seu,
Alexandre Mendes”*

Com um sorriso enorme, entro em meu cantinho e busco um local

seguro para guardar minhas rosas. Mais uma primeira vez, sei que com o Alê ainda viverei incontáveis primeiras vezes. Decido enviar-lhe uma mensagem de texto em forma de agradecimento.

“Acabei de chegar em casa e adorei a surpresa em minha porta. As rosas são lindas. Mais uma vez obrigada por fazer com que me sinta a mulher mais amada e desejada do mundo. Prometo pensar e analisar sua proposta. Estou com saudades.

*Ainda sem acreditar que sou sua,
Catarina Castro”*

Envio, e minutos depois, meu telefone toca.

— Alô?

— Oi Cat, chegou bem em casa?

— Cheguei sim, obrigada pelo motorista.

— Nada menos do que você merece. O deixei a sua disposição, se precisar de algo, basta chamá-lo, estará de prontidão.

— Ei, seu maluco, não pode manter o homem o dia inteiro em minha porta. — Olho pela janela, e lá está o carro estacionado.

— Tanto posso, como mantereí. — Ri descontraído.

— Eu não pretendo sair da minha cama antes que dê a hora de ir trabalhar, portanto, libere o pobre coitado.

— De pobre coitado ele não tem é nada. E ele vai ficar aí exatamente onde está e não se fala mais nesse assunto.

— Falou, então, senhor mandão — respondo um pouco tristonha.

— *Cat, não quero mandar em você, longe de mim fazer isso, só queria proporcionar um pouco de conforto. Faremos o seguinte, ele vai descansar e se precisar sair, pode me ligar a qualquer momento e o envio de volta. Está melhor assim?* — Meio desesperado, tenta consertar.

— Certo, assim está bem melhor.

— *Minha vontade é de ficar o dia inteiro conversando com você, mas o dever me chama e dona Andréia já está me olhando desconfiada. Até mais, minha deusa feiticeira.*

— Até mais meu romântico declarado.

Desligo e fico abobalhada com o celular ainda em mãos.

— Acorda para a vida, Catarina Castro. — Saio de meu torpor e decido por arrumar a quitinete. Termino exausta, tomo um banho e apago em minha cama.



Acordo com batidas na porta, isso está se tornando recorrente. Pensando ser Alexandre, arrumo o ninho em que se transformou meu cabelo e sigo até a porta.

— Já vai! Você não me disse que viria meu... — paro minha fala e meu sorriso congela na face. — Desculpe, mas quem é a senhora? — pergunto ainda atordoada com a presença dessa mulher tão elegante.

— Querida, não se espante comigo, sou a mãe do Alexandre e fiquei curiosa para conhecer a dona do sorriso estampado na cara do meu filho. Não foi difícil descobrir, uma vez que o escutei conversando com Mauro ao telefone.

Estremeço diante dessa senhora, será que veio me afrontar? Não posso me indispor com minha futura sogra. Minha respiração acelera.

— Calma, querida. Não sou uma inimiga. Apenas quis conhecê-la, mas se a ofendo, volto em outro momento.

— Desculpe senhora, não é isso, fique à vontade. — Constrangida, tento corrigir-me. — Apenas não esperava que a senhora viesse em minha casa.

— Nada de senhora, pode me chamar de Déia, saiba que apenas os íntimos têm esse privilégio. Fico feliz que meu filho finalmente encontrou uma boa pessoa. — Sorri e segura em minha mão. — Basta olhar para você que percebo o tamanho do seu coração. Acho que há anos não vejo meu bebê tão feliz.

Sorrio, aliviada.

— Sei que pode parecer loucura, mas sinto que fomos feitos um para o outro.

— E coração de mãe não se engana, meu bem. — Olha ao redor. — A única coisa que não gostei foi de vê-la em um lugar tão frio e impessoal, você não combina com esse minúsculo quarto.

— Estou em Londrina há pouco tempo, senhora, e pretendo encontrar um local melhor assim que possível. — Ela faz uma careta e não sei o que eu disse de errado.

— Esqueça esse tal de senhora, por favor? — Faz um basta com a mão.

— Me desculpe, Dé-déia — gaguejo.

— Assim é bem melhor. De todos os meus filhos, Alexandre é o que mais me preocupava, com vinte e nove anos e nada de se casar, agora sei que

verei meus netinhos correndo pela casa.

Fico ruborizada.

— Não se acanhe Cat, essa sou eu, livre de pudores e etiquetas rotuladas pela sociedade, acostume-se. Saiba que a terei como filha e aceite logo a proposta, seja lá qual for que meu filho lhe fez.

— Ele quer que eu vá morar com ele e não sei se é o correto.

— O quê? Vou dar umas palmadas naquele menino, que proposta mais descabida? Não sei onde aprendeu essas coisas impróprias.

Enrugo a testa sem entender nada.

— Se eu tivesse uma filha, jamais aceitaria que ela fosse morar com um homem, seja ele quem fosse. Se ele quiser, que faça uma proposta decente e a peça em casamento. Vou conversar seriamente com meu filho, isso lá é proposta que se faça à uma moça como você?

— Mas... — Tento argumentar, mas ela não me dá espaço.

— Mas nada, que vocês se amam é fato, por que não se casarem de uma vez e já começarem o projeto de fabricação de mais um neto para mim? Por que não? Quantos casais vivem anos namorando, ficam noivos, se casam e descobrem que não era o que queriam? — Reflito e lembro-me do casamento fracassado que tive com Denis.

— Não acha muito repentino?

— Não. Eu tenho certeza de que vocês serão muito felizes. Alexandre nunca se acertou com ninguém antes, porque esperava por você. E eu quando vi o sorriso do meu bebê hoje pela manhã, já sabia que ele havia finalmente encontrado a tampa da sua panela.

Emocionada, a abraço e recebo de volta um carinho de mãe como nunca tive antes.

— Saiba que em mim você tem uma amiga, não quero ser a sogra chata que muitos pintam por aí. Porque se você faz o meu filho feliz, então eu me sinto exatamente igual. — Declara. — Agora, junte suas coisas, não vou deixá-la morando aqui nesse local frio.

— Mas, Déia, tenho um emprego e contas a pagar.

— Esqueça esse emprego, meu bem, você terá muito mais do que almeja, se deseja continuar trabalhando, terá todo meu apoio, te darei um emprego e o que mais precisar.

— Não posso deixar dona Magnólia dessa forma, ela é uma senhora idosa e precisa de cuidados e atenção. Além do mais, foi ela quem me estendeu a mão quando cheguei aqui em Londrina

— Assim só aumenta ainda mais minha admiração por você, menina. Daremos um jeito, dona Magnólia não ficará desamparada. Tenho meus contatos e enviarei alguém hoje mesmo em seu lugar.

— Posso ao menos dar a notícia pessoalmente? — Já vi que com minha sogra, não existe deixar algo para depois, aceito sua proposta, eu e Alexandre merecemos um ao outro.

— Claro, Cat, você pode fazer o que quiser, que tal irmos juntas? — Pisca um olho.

— Certo, vou arrumar minhas coisas e entrar em contato com o proprietário para ver como quitar a multa de locação.

— Deixe essa parte burocrática que Mauro resolve. — Sorri, arquitetando algo, minha sogra é uma figura. — O que acha de pregarmos uma peça em Alexandre só pra ele largar de ser besta por ter feito aquela proposta descabida a você?

— Pelo pouco que o conheço, Alexandre vai surtar. — Sorrio. —

Mas farei como a senhora disser.

— Vou convidá-lo para jantar lá em casa e você senta-se a mesa ao lado dele assim que ele se acomodar. Não vejo a hora para ver a cara de espanto do meu bebê.

— Acho que ele vai ficar sem entender, mas eu aceito fazer assim.

— Ótimo, vamos arrumar suas malas, temos um casamento para planejar.

Antes de irmos para a mansão, passamos na casa de dona magnólia que ficou muito feliz por mim, ao mesmo tempo em que se entristeceu por perder-me. Prometi voltar para visitá-la sempre que pudesse.

Déia enviou uma conhecida com experiência em cuidar de idosos, sabemos que para dona Magnólia isso foi o melhor.

Ao adentrar na mansão, fico abismada com o tamanho da *casa*.

— Uau! Aqui é enorme.

— É aqui sua nova morada provisória, até que meu filho honre as calças e se case com você.

— E pensar que há dois meses atrás eu achava que minha vida estava perdida, agora estou vivendo um sonho que nunca imaginei viver.

— Você está vivendo as coisas escritas pelas mãos de Deus. Tudo o que ele sonhou.

— É verdade, Déia. — Abraço-a antes de entrar na casa.





Capítulo 4

Alexandre

Dona Andréia deve estar aprontando alguma coisa. Convocar um jantar em sua residência em plena quarta à noite não é algo muito comum, mas eu que não sou louco de não comparecer.

Tentei falar com Catarina, mas foi em vão, ela deve estar muito ocupada. Mauro me disse que a deixou no serviço, por isso fico tranquilo, sei que está segura.

Chego bem em cima da hora do jantar, mas não me atrasei, não posso provocar a fera que existe em minha doce mãe quando tem que nos esperar.

— Onde estão meus irmãos? — pergunto já à mesa de jantar.

— Eles não foram convocados, meu assunto aqui é com você. — Sua cara medonha me dá calafrios e engulo em seco. — Quando ia me contar que está namorando?

— Não ia guardar segredo mãe, eu juro. Catarina é uma mulher especial e não quero decepcioná-la.

— E quando será o casamento? Quero muitos netos ainda.

— Mãe, a senhora já tem quatro netos, não é o suficiente?

— Mas é claro que não, quero no mínimo uns dez netinhos correndo e bagunçando a casa — ela diz com a maior naturalidade do mundo.

— A senhora é louca, se eu falar isso com a Cat, vou espantá-la imediatamente.

— E quais são suas intenções com a moça? — Minha mãe está estranha.

— Como assim? Minhas intenções são as melhores possíveis, a senhora está parecendo mais o pai dela do que minha mãe.

— Então, pensa em se casar?

— Mas é claro, mãe. Catarina é minha luz no fim do túnel, minha rosa perfumada, meu anjo salvador. Eu quero me casar com ela, quero construir uma família com ela e teremos quantos filhos ela desejar e se não quiser nenhum, respeitarei. Porque a senhora me ensinou, me fez um homem cortês e educado, vou amar, respeitar e honrar Catarina sempre e para sempre.

— Ah, que lindo! Meu bebê finalmente se tornou um homem. — Seus olhos marejam.

— Não me chame assim, mãe. Já imaginou se Catarina escuta isso?

— Pois saiba que ela está escutando. — Aponta para o canto da sala de jantar. Cat vem em minha direção com o rosto banhado em lágrimas, mas seu sorriso entrega que são de felicidade.

— Você escutou tudo? — Abraço-a, apenas sussurra um sim. — Saiba que tudo o que eu disse é verdade, pode parecer cedo, mas quero você como minha esposa. Catarina Castro — ajoelho-me —, aceita se casar comigo e ser a senhora da minha vida?

— Oh, meu Deus! É claro que aceito. — Choro junto com ela, abraço suas pernas, emocionado.

— Ah, que lindo, meu bebê vai se casar, eu não poderia estar mais feliz! — Minha mãe vibra eufórica.

— Mãe! — chamo sua atenção em vão.

— Ainda estou filmando e vou enviar no grupo da família.

Levanto-me, beijo e rodopio Catarina pela sala.

— É mesmo real isso? Vamos nos casar? — Beijo-a novamente.

— Agora vamos comer e comemorar, eu tenho um casamento para planejar.

— Como você a encontrou, mãe? Ah, deixa para lá. — Minha mãe descobre tudo, não adianta manter segredos.



Os dias seguintes foram uma correria só, minha mãe me deu um puxão de orelha só por eu ter proposto que Catarina viesse morar comigo. O medo de pedi-la em casamento e ela responder não, foi enorme, por isso fiz essa proposta descabida, como disse minha mãe.

Tive o total apoio de meus irmãos e de meu pai que abraçaram Catarina como uma irmã e filha.

Mamãe conseguiu tudo em tempo recorde, nosso casamento será em dois dias, no jardim de inverno da mansão de meus pais.

O tempo vai passando e ansiedade só aumenta. Dona Andréia e suas crenças diz que existe uma lenda em que os noivos não podem se ver antes do casamento.

Vou te contar, viu, está sendo muito difícil não poder falar e ver minha deusa. Tentei burlar a regra e vim de madrugada até a mansão, mas qual não foi minha surpresa? Catarina não estava no quarto destinado a ela, ainda dei de cara com minha mãe no meio do corredor. Foi mais um puxão de orelha e esse doeu, pois foi de verdade.

Depois desse dia, tentei me acalmar, minha mãe estava de olho em mim, e logo Catarina será inteiramente minha.

Como minha mãe conseguiu organizar tudo em tão pouco tempo? Não faço a mínima ideia, só agradeço a Deus por me dar uma mãe tão dedicada aos filhos, companheira e que não mede esforços para nos ver felizes.

Em uma tarde de inverno, vi pela primeira vez a mulher da minha vida e em tão pouco tempo, em mais uma tarde de inverno, vou me casar com essa mulher.



Epílogo

Catarina

Só em pensar que se eu não tivesse tomado uma atitude e me mudado em alguns meses atrás, hoje eu estaria na mesmice de infelicidade, sofrendo e sendo humilhada por uma sociedade hipócrita e machista. Mudar de estado foi a coisa mais certa que fiz em minha vida. Vim em busca do meu amor próprio, o encontrei e de presente, a vida me deu um homem maravilhoso para me amar também.

Vovó deve estar em paz neste momento e isso me deixa feliz.

Hoje é o grande dia. Nosso casamento! Serei Catarina Mendes, me tornarei notícia em todo o país. Alexandre me conquistou bem antes de me conhecer, seu carinho me encantou.

— Está na hora, querida. — Déia entra no quarto. — Antes, Alexandre pediu que eu entregasse esse presente a você. Vou filmar para mostrá-lo. Abra logo, estou curiosa para ver o que é.

Abro o estojo com o coração acelerado.

— Oh! São as joias que herdei de minha avó. Como ele as conseguiu de volta?

— Ah, mas meu bebê merece ser aplaudido. — Déia se emociona ao falar do filho.

— Inacreditável! Como ele as achou?

— Quem tem contato, tem tudo nessa vida, minha filha.

— Mas eu nunca falei como eram. Como ele conseguiu encontrar exatamente as verdadeiras?

— Lembra que ele estava bisbilhotando seu álbum de fotos? Então,

reparei que ele ficou observando atentamente algumas. Ele deve ter deduzido que eram essas.

— Faz sentido, meu futuro marido é ou não um príncipe?

— Eu sou uma pessoa muito suspeita para falar, mas ele é sim. — Juntas, sorrimos, eu em meio às lágrimas que destruíram minha maquiagem.

— Pode me ajudar a colocá-las? Faço questão de ter pelo menos um pouco de minha avó na cerimônia.

— Ela, com certeza, está te olhando de onde quer que ela esteja e muito feliz.

— Eu sei e sinto que agora ela terá paz.

Colocamos as joias, colar, brincos e pulseira. A maquiagem foi retocada e juntas seguimos até o jardim de inverno para celebrar a cerimônia do nosso casamento.

Não conheço noventa por cento das pessoas presentes aqui, mas isso não é impecílho para que eu entre sorrindo de encontro ao homem que mudou minha vida para sempre.

Alexandre está lindo em um smoking preto, seus olhos estão atentos enquanto vou ao seu encontro. Entro sozinha, decidi que assim seria melhor.

Quando chego ao seu lado, não vejo mais nada ao nosso redor, só tenho olhos para ele.

Como eu amo esse homem!

Nem parece que estamos juntos há tão pouco tempo.

A cerimônia não foi longa, mas foi maravilhosa e inesquecível.

— Acho que está na hora de sairmos à francesa, minha esposa maravilhosa — Alê sussurra ao meu ouvido ainda na pista de dança.

— Mas não aproveitamos nossa festa — reclamo.

— Faremos nossa festinha particular, não vejo a hora para que isso aconteça. Quero matar a saudade desse corpo maravilhoso e aproveitar o restinho da nossa tarde de inverno para amarmos loucamente em frente nossa lareira, comendo um fondue de frutas e chocolate. O que acha, merecemos ou não?

— Acho que o senhor, meu marido, está coberto de razão, e uma proposta melhor não deve nem existir. — Sorrimos e saímos o mais discretamente possível.



Apressados, entramos em nosso apartamento – sim, nunca pensei que diria isso, mas é sim, nosso –, localizado em uma cobertura no bairro Gleba Palhano. Nem reparo na decoração, apenas desejo matar a saudade de seu corpo e compensar os dias em que ficamos longe um do outro.

— Amor, estou louco por você — Alê fala entre os beijos que trocamos.

— Amor, é? Repete, por favor?

— Amor, amor, amor. — Sorrindo e segurando meu rosto, repete. — Você é a minha esposa amada, ao seu lado sei que serei um homem ainda melhor. Nem acredito que estamos mesmo casados e em nosso apartamento.

— Agora sei meu amor que não é um sonho, tudo o que estamos vivendo é a mais perfeita das realidades, eu esperava por você e não sabia. Tudo pelo que passei foi necessário para te encontrar e estar com você.

— Eu amo você, senhora Catarina Mendes.

— Eu amo mais você, senhor Alexandre Mendes.

— Então, vem aqui, meu amor, porque agora vamos aproveitar cada instante para sermos felizes. — Pega-me no colo e sobe a escada que leva aos quartos, dou um gritinho de espanto, mas em seguida, apoio o meu peso em seu pescoço e subimos sorrindo. — Tenho uma surpresa para você. Feche os olhos, meu amor.

— Mais surpresas? Não se cansa de me surpreender?

— Jamais, meu amor, viverei eternamente para te amar e te surpreender. — Confiando cegamente nele, fecho os olhos e sinto quando abre a porta do quarto. — Não abra os olhos ainda, sem trapações. — Sua felicidade é palpável e me contagia.

— Pode deixar, apesar de curiosa, só vou abrir quando você falar que posso. - Sei que não é uma ordem que vai me amedrontar algum dia, nossa confiança é mútua.

— Ótimo, agora pode abrir os olhos.

O quarto está em meia luz, há pétalas de rosas por toda a cama, onde ele me deposita. Como não me emocionar? Meu marido é mesmo um romântico incorrigível.

— Está tudo tão lindo, amor — falo com a voz embargada. — Obrigada por me proporcionar momentos tão prazerosos.

— O prazer ainda não foi apresentado, mas vou corrigir isso agora mesmo.

Coloca uma música suave para tocar, abre o champanhe que está no balde de gelo.

— Ao começo de nossa caminhada, que nosso amor seja eterno.

— Ao nosso amor! — Brindamos e bebemos em nossas taças.

Ele retira minha taça da mão e a deposita na mesa posta, que só agora notei. Sobe na cama e se assenta ao meu lado. Nosso beijo começa lento, mas aos poucos, a pequena chama começa a se alastrar e juntos, retiramos nossas roupas.

Alexandre coloca uma bandeja com o fondue de chocolate que ele havia prometido mais cedo. Gemo em antecipação.

Passa o chocolate derretido por meus seios e vai degustando-me.

— Estou adorando essa mistura de chocolate com sua pele. — Alexandre provoca arrepios em mim. O contato de sua boca no chocolate está me matando aos poucos, seria uma morte feliz e nem reclamaria.

— Mas onde estão as frutas? — questiono.

— Para quê frutas quando posso degustar seu delicioso corpo? Você é minha fruta preferida.

Aí, perco a razão, curti cada instante de nossa primeira tarde de casados. Mais uma vez, o frio não foi o vilão. Amamo-nos a tarde inteira, na cama, no tapete em frente à lareira e até mesmo na banheira de hidromassagem. Se o que vivemos será duradouro ou não, jamais saberemos. Decidimos arriscar a viver felizes juntos a perder a oportunidade que a vida nos deu.

Ame intensamente, viva intensamente. Seja autêntico e retribua todo o amor recebido, às vezes, a felicidade bate a nossa porta e por medo, deixamos ir embora. Portanto, curta a vida da melhor maneira possível, amando e distribuindo amor.

Fim

Sobre autor

Léia Fernandes nasceu em Vitória-ES, mas mora atualmente em Betim MG. Viciada em leituras (Tem mais livros do que roupas e sapatos). Na adolescência escrevia frases e poemas aleatórios, mas foi somente no final de 2015 que resolveu colocar os sentimentos para fora e escrever seu primeiro livro “Meu lugar é ao seu lado”, que fez sucesso entre os amigos e familiares. Através dele, novas amizades foram feitas e novas histórias escritas.

Facebook: <https://www.facebook.com/leiafernandesautora/>

Instagram: <https://www.instagram.com/edileiaafernandes/>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/edileiafernandes56>



Outras obras



Ebook: <https://amzn.to/2NFaEvh>

Sinopse: Aos 26 anos de idade, Evelyn Dias, acreditava que o amor não era para ela.

Seus namoros sempre terminavam de alguma forma trágica.

Com o último, foi parar até mesmo na delegacia, no dia do seu aniversário.

E agora ela tomou uma atitude de ignorar todos os homens à sua volta. Acreditava que a felicidade não era para ela.

Mas o destino reservou para ela algo surpreendente, que nem em seus sonhos mais profundos, ela sequer imaginou que algo assim lhe aconteceria.

Ele, um empresário bem sucedido, descendente de italiano, e padre de rico. Prestes a se casar aos 34 anos descobre que sua santa e imaculada noiva, o traía com seu até então melhor amigo. E que o pai dela, que era seu sócio, há tantos anos, apoiava essa vida dupla da filha.

Mal sabem eles, o que o destino lhes reserva.



Ebook: <https://amzn.to/3g9oJNN>

Sinopse: Eloíse nunca trabalhou na vida, seus estudos foram até o ensino médio. Filha de pais rígidos casou-se muito nova com um homem vinte anos mais velho e apesar de não amar o marido, abraçou o casamento sonhando com a felicidade.

Achando que encontraria ao lado do marido sua tão sonhada liberdade, Eloíse se vê constantemente agredida pelo homem que deveria ser seu porto seguro. Culpando-se pelas agressões sofridas, a jovem chega ao pronto socorro com uma forte hemorragia e descobre que estava grávida.

Daniel é um médico cirurgião geral que ao encontrar Eloíse no corredor do hospital a atende de imediato transferindo-a em seguida para o especialista do qual ela necessita, no entanto, acompanha de perto seu atendimento e tenta a todo custo descobrir algo mais sobre ela.

Revoltado com a situação da paciente, o médico a diagnostica um problema cardíaco inexistente na esperança de assim entender melhor o que se passa

com ela.

Uma mulher destruída psicologicamente...

Um homem gentil...

Uma história de encontros e desencontros à procura do felizes para sempre!